Claro que excessos existem, mas são muito pouco significantes perto do que se proporciona.

Junto a tudo isso, sabe-se que é uma questão de princípio para os governantes proporcionar ao seu povo saúde de qualidade, como se vê em vários países da Europa, como a França, Suécia, Noruega, Dinamarca, entre outros. Tudo na contra-mão da economia mundial que prega a desvinculação da saúde do governo, visto os gastos crescentes e contínuos.

Contudo, tudo isso tem um preço. O déficit anual do sistema de saúde francês em 2004 foi estimado em 15 bilhões de euros. Isto mesmo! Algo em torno de 50 bilhões de reais! Imaginemos agora um sistema de saúde pública no Brasil que continue a proporcionar saúde de qualidade, com remédios para todos, mesmo sabendo que isto ocasionará um déficit de 50 bilhões de reais/ano. Impossível! Voltando ao aspecto cultural, não há a cultura da saúde de qualidade para todos; há sim uma cultura de se dizer que é preciso uma saúde de qualidade, mas sabemos que da forma como as coisas são feitas, esta tal saúde pública para todos jamais chegará ao seu clímax.

O sistema de saúde suplementar exerce aqui exatamente este papel, o de auxiliar o serviço público na sua demanda. Isto também é cultural. Não se admite a possibilidade de o sistema público ser secundário ao privado. Os melhores profissionais estão no serviço público; os melhores hospitais, com os melhores equipamentos são públicos. Isto é um dever do Estado e é encarado como tal!

No Brasil, o inverso se produz a cada dia. O que se viu nos últimos anos foi uma grande e única oportunidade que os governantes encontraram de imputar ao sistema de saúde suplementar a sua responsabilidade de proporcionar saúde ao seu povo. O final desta estória todos conhecemos. Os profissionais são verdadeiros fantoches dentro do serviço de saúde, escravos dos convênios.

Acredito que falta a nós, brasileiros, identidade própria. Copiamos o jeito "americano" de fazer as coisas, inclusive na saúde. Só esquecemos de um pequeno detalhe: não somos americanos (graças a Deus!). Não temos a mesma história, nem o mesmo orçamento, nem tampouco a mesma personalidade. Precisamos por em nossas mentes que somos brasileiros, e isso é o suficiente. O modelo preconizado como o ideal está falindo os americanos e todos os que acreditam nele; sai muito caro mantê-lo.

Precisamos pensar racionalmente, e não demagogicamente; precisamos agir com honestidade e dizer a todos que do jeito que está não dá pra continuar; uma mudança se faz necessária, urgentemente.

A saúde pública de qualidade tem um preço. Estar disposto a arcar com este preço é o que faz a diferença entre "desenvolvidos" e "em eterno desenvolvimento".

Dr. Robertson Correia Bernardo – AFSA Radiologie et Imagerie Médicale CHRU-Hautepierre – Strasbourg - França